

A reconfiguração do jornalismo policial: Novas práticas de produção a partir do WhatsApp

*Reconfiguration of the police journalism:
New production practices from WhatsApp*

Eveline Regina GONÇALVES¹

Resumo

O presente artigo visa discutir as mudanças na produção do jornalismo policial provocadas pela internet e pelas redes sociais na cibercultura, tomando como objeto de pesquisa o WhatsApp da Patrulha da Cidade, programa policial exibido pela Tv Borborema, afiliada do SBT, em Campina Grande. Para isso, acompanhamos a produção do noticiário durante uma semana e realizamos entrevistas semi-estruturadas com o produtor, e com editor e apresentador do programa. Os resultados mostram que o aplicativo está sendo usado durante todo o processo de produção, otimizando o recebimento de informações e o processo de checagem, bem como aproximando os jornalistas dos órgãos de segurança a partir de grupos criados entre a imprensa e esses profissionais.

Palavras-chave: Convergência Midiática. Interação. Conversação. Jornalismo Participativo. Jornalismo Policial. WhatsApp.

Abstract

This article aims to discuss the changes in the production of police journalism caused by the internet and social networks in cyberspace, taking as a research subject WhatsApp City Patrol, police program aired by TV Borborema, SBT affiliate in Campina Grande. To do this, follow the production of the news for a week and conducted semi-structured interviews with the producer, and editor and presenter of the program. The results show that the application is being used throughout the production process, optimizing the receipt of information and checking process, as well as approaching journalists of security forces from the press and created between these professional groups.

Keywords: Convergence media. Interaction. Conversation. Participatory journalism. Police journalism. Whatsapp.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Email: Evelinegoncalves1@gmail.com

Introdução

Os meios de comunicação tradicionais passaram por várias mudanças com o advento da cibercultura. A partir dela formou-se um novo espaço ou esfera conversacional (LEMOS, 2010) que aproximou os jornalistas tanto da população quanto das fontes oficiais e provocou mudanças significativas no processo de produção e no fazer jornalístico.

Através das redes sociais, o internauta se tornou um produtor de conteúdo em potencial. Ele passou a sugerir temas para matérias e realizar denúncias. Os jornalistas, por sua vez, tem acesso a essas publicações em tempo real e podem dialogar com a audiência. Dessa forma, o processo comunicacional entre jornalistas e a população deixou de ser linear (lógica emissor-receptor) e passou a ser dialógico, conversacional.

Mas essa proximidade através das redes sociais não se limitou ao público. Os jornalistas passaram a ter um maior acesso as fontes oficiais, principalmente com o advento dos dispositivos móveis e dos aplicativos de mensagens instantâneas. O contato feito antes pessoalmente ou por telefone foi facilitado através das redes móveis. Grupos no WhatsApp, por exemplo, entre fontes e jornalistas foram criados para facilitar a disseminação de informação. É o que acontece com a imprensa campinense e com o jornalismo policial na cidade. Vários grupos reúnem delegados, policiais e jornalistas para trocar informações quase que em tempo real. Essa realidade diminuiu a distância e as dificuldades encontradas pelos jornalistas com relação ao acesso as informações e as fontes policiais, e provocou mudanças na produção, checagem e divulgação das notícias.

Nossa pesquisa centra a atenção nessa conjuntura de mudanças provocadas no fazer jornalismo policial com as trocas de informação pelo WhatsApp. Essa plataforma colaborativa pertence ao Facebook e em fevereiro de 2016 já era utilizada por 1 bilhão de usuários, ou seja, uma em cada sete pessoa no planeta, de acordo com informações do presidente-executivo e cofundador da rede social, Mark Zuckerberg². Esses usuários tem a possibilidade de enviar textos, fotos, vídeos, áudios, criar grupos de conversa e compartilhar localização. Dessa forma, as ferramentas do aplicativo e o uso massivo

² Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/whatsapp-alcanca-1-bilhao-de-usuarios.html> acesso em 10 de jul. 2016.

pela população e pelas fontes oficiais tem contribuído e gerado alguns desafios para os veículos de comunicação tradicionais.

E é nessa problematização em torno das mudanças da produção policial com o advento das redes sociais que está centrada nossa questão de pesquisa. Como os jornalistas utilizam o WhatsApp nas redações? Quais mudanças ele trouxe para o jornalismo policial? Quais reflexos esse aplicativo traz no contato com as fontes oficiais, principalmente policiais? Para investigar essas questões de pesquisa acompanhamos a produção da Patrulha da Cidade, programa policial da Tv Borborema, afiliada do SBT em Campina Grande, por uma semana, no período de 4 de julho de 2016 a 8 de julho de 2016. Atentamos para as formas como o aplicativo era utilizado pela produção. Como complemento à observação, realizamos entrevistas semi-estruturadas com o produtor da Patrulha da Cidade, Tarcísio Araújo, e com o apresentador e editor do programa, José Cláudio Oliveira. Nosso objetivo foi entender como eles dialogam com as fontes pelo aplicativo e qual a importância dele para o programa, bem como esclarecer alguns aspectos oriundos da observação realizada.

O programa A Patrulha da Cidade é o único programa policial produzido exclusivamente em Campina Grande. Ele vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 12h às 13h15min e é apresentado pelo jornalista José Cláudio. O noticiário aborda as principais ações criminosas de Campina Grande e região, e faz parte da programação da Tv Borborema, afiliada do SBT na cidade. A emissora foi fundada em 14 de março de 1966 por Assis Chateaubriand, sendo a primeira emissora de tevê do Estado e do interior do Nordeste, de acordo com o blog Retalhos Históricos de Campina Grande³. A afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão- SBT, “cobre do agreste ao alto sertão do estado da Paraíba, podendo alcançar quase dois milhões de telespectadores” (BEZERRA E NASCIMENTO, 2013). A Tv Borborema tem página no Facebook⁴, Instagram⁵, Twitter⁶ e WhatsApp⁷. Nessa pesquisa vamos nos ater ao uso do aplicativo WhatsApp, já que por ser um aplicativo de mensagens, ele aproxima ainda mais os

³ Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10/tv-borborema.html> acesso em 20 jun. 2016.

⁴ Disponível em <https://pt-br.facebook.com/TVBorboremaOficial> acesso em 11 jul. 2016.

⁵ Disponível em <http://instagram.com/tvborborema> acesso em 10 jul.2016.

⁶ Disponível em <https://twitter.com/tvborborema> acesso 15 jul. 2016.

⁷ Contato do Whatsapp pelo telefone (83) 9 9969-5343.

interlocutores e está sendo explorado nesse sentido pelos jornalistas da emissora para colher informações, principalmente na área policial.

Jornalismo e redes sociais

Com a cibercultura, os veículos de comunicação tiveram que passar por um processo, que resultou no que Henry Jenkins (2009) denomina de convergência midiática. Esse fenômeno acontece quando “as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam” (JENKINS, 2009, p.29). Dessa forma, os meios de comunicação, como a televisão, sofreram mudanças significativas e passaram a atuar também na internet. Isso resultou em modificações na rotina de produção, desde o recebimento da informação, ao processo de checagem e divulgação da notícia.

Nesse novo ambiente comunicacional proporcionado pelas redes sociais, a informação deixou de ser disseminada apenas pelas empresas de comunicação. Qualquer internauta pode noticiar algo através de uma publicação e ser visto por várias outras pessoas na rede em que ele está inserido. As notícias não precisam necessariamente terem sido divulgadas por um veículo de comunicação tradicional para alcançar o público.

O modelo informatizado, cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não recebe informações homogêneas de um centro “editor-coletor-distribuidor”, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada. (LEMOS, 2010, p. 79)

Com essa quantidade de mensagens em circulação na rede, os jornalistas passaram a ter um leque de sugestões de pautas e a receber muitas informações dos internautas que passaram a contribuir com a produção jornalística. Magali Prado (2011, p. 198) fala das mudanças no fluxo de informação com a chegada da cibercultura:

Os fluxos de transmissão de informação, outrora unidirecionais, passaram para bidirecionais (no telefone) e hoje são multidirecionais, ou seja de muitos para muitos, com uma forte capacidade de articulação. Algo que a cibercultura facilita, colocando todos na mesma rede.

A interação que acontece entre os jornalistas e o público, dentro dessa rede, foi estudado por Alex Primo e denominado de interação mútua. Para o autor, esse tipo de interação, através das novas tecnologias, “é caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente.” (PRIMO, 2005, p.57). O autor ainda estuda a interação reativa, que acontece entre o internauta e a máquina, e é diferente da interação mútua, pois “é limitada por relações determinística de estímulo e resposta” (PRIMO, 2005, p.57). A interação mútua, por sua vez, dá a possibilidade dessa troca de informação não estabelecida previamente e se constrói levando em consideração o contexto da troca de mensagens.

Para que essa interação aconteça, é fundamental a conversação nas trocas de mensagens. Esse processo é “a porta através da qual as interações sociais acontecem e através da qual as relações sociais são estabelecidas”. (RECUERO, 2010, p.3). Na conversação que ocorre no ciberespaço os atores sociais não dividem o mesmo ambiente físico como ocorre quando o repórter entrevista alguém pessoalmente, por exemplo. Por isso, os internautas se utilizam das ferramentas existentes no computador ou nos dispositivos móveis para criar mecanismos que simulem uma conversação oral, podendo criar pistas não verbais e conseqüentemente delimitar um contexto para nortear essa conversação. Para Raquel Recuero (2010, p.4):

Muitas das trocas observadas no contexto da comunicação mediada pelo computador são discutidas a partir de suas características conversacionais. Essas práticas conversacionais vão aparecer como apropriações, como formas de uso das ferramentas para construir contexto e proporcionar um ambiente de trocas interacionais. Trata-se de um tipo semelhante mas, ao mesmo tempo, diferente da conversação oral.

Através da conversação, o público começou a colaborar de forma mais efetiva na produção das matérias, com o chamado jornalismo participativo. “As empresas

jornalísticas passaram a contar com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 4). Essa realidade ficou ainda mais forte com a chegada dos dispositivos móveis, pois a partir deles qualquer pessoa pode fotografar algo e no mesmo momento encaminhar para a emissora, facilitando o acesso dos jornalistas ao material.

A combinação da estrutura de *hardware* (câmeras acima de 10 megapixels, processadores de alta performance), *software* (sistemas operacionais dinâmicos, telas sensíveis ao toque, acelerômetro, aplicativos) e redes sem fio (3G e 4G) propiciou a expansão do jornalismo móvel nas organizações jornalísticas e na atuação do jornalismo cidadão. O crescimento da telefonia móvel no Brasil e no mundo permitiu a visibilidade para os diversos usos e apropriações da tecnologia móvel digital conectada. (SILVA, 2015, p.14)

O uso dos dispositivos móveis e das redes sem fio facilitou também o contato entre os jornalistas e as fontes oficiais. Os aplicativos de mensagens instantâneas, por exemplo, aumentaram o acesso as autoridades e fortaleceram os laços entre esses dois atores sociais. A mobilidade dos aparelhos permitiu aos produtores receberem em tempo real informações oficiais, como no caso das ocorrências policiais. Essa “prática é caracterizada pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento cujas condições são potencializadas pela portabilidade, ubiquidade e mobilidade.” (SILVA, 2015, p.9)

Com essa avalanche comunicacional e conseqüentemente grande número de informações, as mensagens enviadas para os jornalistas passam por filtros que são abordados pela teoria do *gatekeeper*. Ela considera que as notícias passam por um portão seletivo, que é comandado pelos jornalistas, para que, assim, ganhem espaço na mídia. De acordo com Traquina (2005, p.150):

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida.

Com a chegada da Internet, os veículos de comunicação incorporaram novas práticas no processo de *gatekeeping*. Para Primo (2011, p.5):

Há uma complexificação de todo o sistema e o que emerge são modos mais dinâmicos, flexíveis e diversificados de *gatekeeping*. A colaboração com fontes alternativas ajuda os jornalistas a darem forma aos fluxos caóticos de informação. Assim, quanto maior a rede de colaboradores, melhor o resultado jornalístico.

Mudaram as formas de filtragem, o acesso as fontes, o contato com o público, as formas de checagem, a divulgação da notícia, enfim, como discutimos até agora, as novas mídias causaram uma reconfiguração no fazer jornalismo. Os internautas e as fontes oficiais sugerem e encaminham para a emissora informações em tempo real que podem ser utilizadas pelos veículos de comunicação. Mas no jornalismo policial como isso acontece? Agora abordaremos a reconfiguração da produção da área policial diante desse novo cenário.

Jornalismo policial e as novas mídias

O Jornalismo Policial é responsável por divulgar fatos relacionados a polícia e as pessoas que cometem algum tipo de delito. Como uma especialidade do jornalismo, ele também tem sofrido modificações no cenário da cibercultura. E para desvendar essas novas práticas, nós acompanhamos uma semana a produção do programa policial A Patrulha da Cidade e realizamos entrevistas com o produtor, e com o editor e apresentador do noticiário. Durante a observação pudemos constatar mudanças no processo de produção, principalmente no que diz respeito ao acesso às informações, como abordou o apresentador e editor do programa, José Cláudio, na entrevista:

Não era nada fácil quando a Patrulha começou, há 23 anos, colher informações com a polícia. Eles eram muito fechados e tínhamos que nos deslocar até a delegacia para tentar saber de alguma coisa. Não tínhamos nem telefone. Mas nós acompanhamos a modernidade e agora com a internet e o WhatsApp, temos uma parceria enorme com todos os órgãos de segurança. Claro que continuamos procurando a

notícia *in loco*, mas encontrá-los e colher as informações através desses mecanismos facilita muito nosso trabalho.⁸

Com o aumento do acesso da informação, através do WhatsApp, os jornalistas envolvidos no programa passam a maior parte do tempo da produção conectados ao aplicativo, inclusive durante as reuniões de pauta, conforme constatamos na observação. “Recebemos muitas sugestões e informações pelo celular. Quase 90% do que exibimos vem de lá, por isso não dá mais pra desvincular o WhatsApp da produção da Patrulha.”, disse o produtor Tarcísio Araújo, em entrevista⁹. Ainda segundo ele, a rapidez na disseminação da informação pelo aplicativo é tão grande que as vezes a produção sabe de uma ocorrência antes mesmo do CIOP, o Centro Integrado de Operações da Polícia Militar. “A população e os policiais enviam informações via WhatsApp já no local do crime e o CIOP só divulga após o fechamento do procedimento, por isso as vezes encaminhamos a equipe e quando ligamos pra o CIOP eles não sabem informar”, justificou Tarcísio.

Essa nova dinâmica no recebimento de informações explica também as mudanças na busca por informações factuais, a chamada ronda jornalística. Durante a semana da pesquisa, observamos que a ronda, passou a ser feita primeiro pelo WhatsApp e só em seguida pelo e-mail, através do relatório do CIOP, e por último por telefone. Tarcísio confirmou a mudança dessa prática, durante a entrevista:

Por causa da quantidade de informações que recebemos pelo celular, quando eu chego na emissora primeiro faço a triagem dessas informações, só em seguida abro o email da emissora e ligo para hospitais e bombeiros. Antes o e-mail e o telefone eram muito mais importantes. Mas agora é no celular, através do WhatsApp que as informações chegam primeiro.

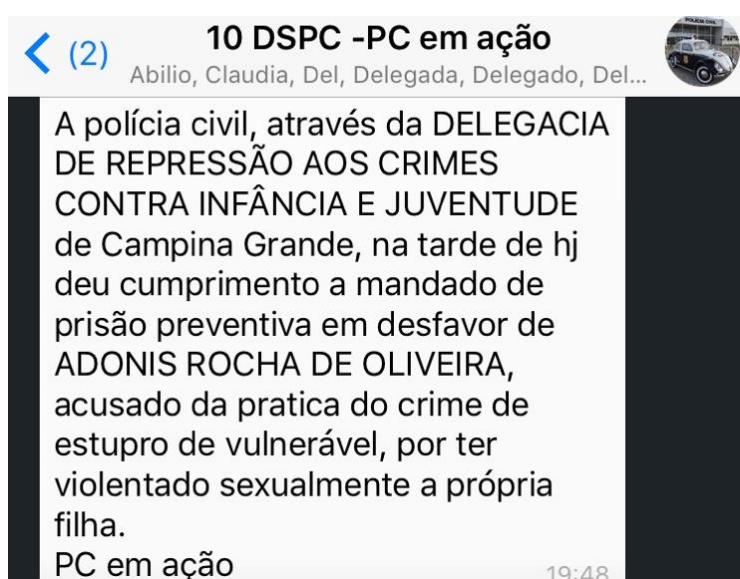
Essa busca por informações através do WhatsApp é feita tanto pelo aplicativo do celular da emissora quanto nos celulares dos próprios jornalistas. Ainda de acordo com o produtor, as mensagens recebidas por cada um dos números tem finalidades diferentes. “No WhatsApp da Tv nós recebemos mais denúncias e sugestões dos

⁸ Entrevista do editor e apresentador da Patrulha da Cidade, José Cláudio, concedida para a pesquisa no dia 11 de julho de 2016.

⁹ Entrevista do produtor da Patrulha da Cidade, Tarcísio Araújo, concedida para a pesquisa no dia 11 de julho de 2016.

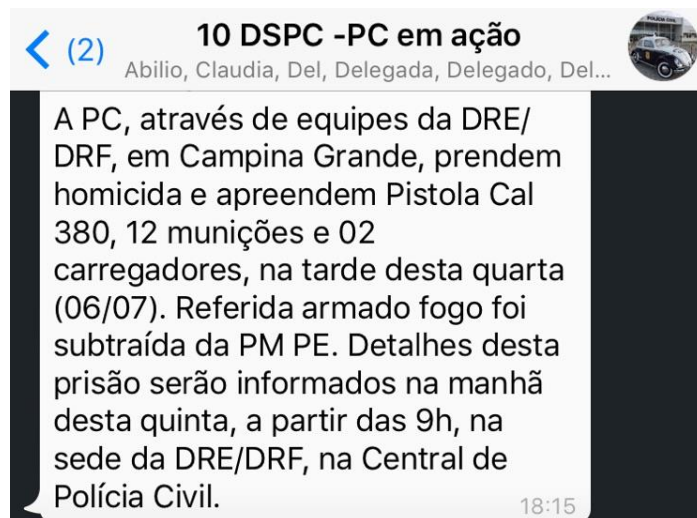
telespectadores, já no meu número pessoal, por exemplo, eu recebo mais informações de policiais, delegados”, pontuou Tarcísio. Essas informações de fontes oficiais chegam através de grupos criados entre os jornalistas e esses profissionais. Durante todo o dia, delegados e policiais publicam em tempo real prisões, apreensões e operações realizadas, como mostram a Figura 1 e a Figura 2.

Figura 1- Informações enviadas por um delegado para o grupo com os jornalistas



Fonte: WhatsApp do produtor da Patrulha da Cidade

Figura 2- Informações enviadas pela polícia para o grupo com a imprensa



Fonte: WhatsApp do produtor da Patrulha da Cidade

Durante a semana de observação, notamos que é através desses grupos que a produção recebe as primeiras informações das ocorrências e que a maioria delas não são checadas para serem exibidas. “Quando a informação vem desses grupos e é colocada por um delegado, nós já confiamos porque eles estão por dentro das investigações, então não precisamos mais checar. Isso adiantou ainda mais nosso trabalho”. Já quando a mensagem é enviada por um telespectador, normalmente para o WhatsApp da emissora, ela passa pelo processo de checagem para que seja comprovada a veracidade da informação. “Hoje em dia muita gente divulga coisas falsas na internet, então nós temos o cuidado de checar, ligando para as fontes oficiais, para não dar notícias erradas”, pontuou Tarcísio.

Outra mudança que observamos, a partir do uso do aplicativo na produção, é a utilização de fotos e vídeos enviadas através da internet. Durante a semana da pesquisa, os delegados enviaram várias mídias de presos e apreensões para os grupos. A Figura 3, por exemplo, mostra uma foto de drogas apreendidas no presídio que foi enviada por um agente penitenciário e a Figura 4 foi enviada por um delegado e aborda munições que foram apreendidas em uma operação da Polícia Militar. Ambas as fotos foram usadas no programa sem precisar deslocar um cinegrafista para fazer imagens no local. “Normalmente quando é um fato mais simples, nós usamos as imagens em uma nota, quando é algo de maior repercussão, nós fazemos uma reportagem e usamos o material para ilustrar”.

Figura 3- Foto enviada por um agente penitenciário para um grupo do WhatsApp



Fonte: WhatsApp do produtor da Patrulha da Cidade

Figura 4- Foto enviada por um delegado para o grupo com a imprensa



Fonte: WhatsApp do Produtor da Patrulha da Cidade

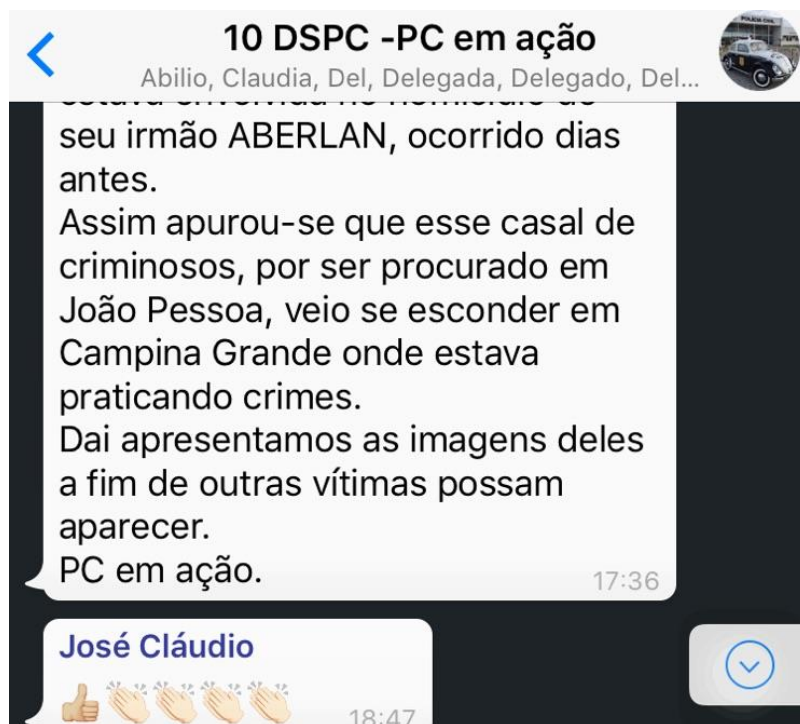
Nos casos de maior repercussão, quando a equipe decide abordar o assunto em uma reportagem, o contato com as autoridades para marcar entrevistas, por exemplo, também pode ser feito pelo aplicativo. Além disso, as ferramentas de mensagem de voz e vídeo ainda auxiliam quando a ocorrência é registrada em uma cidade distante, otimizando ainda mais a produção policial. “Várias vezes eu já pedi para o delegado gravar uma mensagem de voz explicando a operação e tem alguns que mandam até em vídeo, mas isso acontece normalmente quando não temos como nos deslocar até a cidade dele”, abordou Tarcísio.

A divulgação de informações nesses grupos policiais facilitou o acesso dos profissionais da comunicação, mas dificultou o furo jornalístico. Como a produção de todos os veículos recebe ao mesmo tempo a informação, é difícil uma delas ser privilegiada com a exclusividade de alguma notícia factual. E “se o jornalismo não mais dá o furo da notícia, a ele cabe o aprofundamento e a seleção das informações que serão apresentadas, a filtragem e o desenho do espaço social.” (RECUERO, 2011, p.15). De acordo com o produtor da Patrulha da Cidade, isso acontece na produção do noticiário e eles tentam trazer algum diferencial nas reportagens.

A gente tem que ir além para trazer algo diferente do que todo mundo vai trazer. Tentamos trabalhar algo a mais e dar uma ótica mais abrangente sobre o fato. Procuramos humanizar a notícia, indo na casa das vítimas e escutando o maior número de pessoas envolvidas naquele caso. Fazemos de tudo para a matéria não ficar o arroz com feijão com as informações que todas as emissoras já tem.

Como as informações oficiais chegam normalmente pelo WhatsApp pessoal dos jornalistas, o trabalho é levado para casa e os profissionais acompanham, mesmo fora do expediente, as informações que podem ser abordadas na próxima edição do jornal. Na Figura 5, por exemplo, o apresentador do programa interage após a publicação de um delegado sobre uma prisão, mesmo estando fora da emissora e do horário de expediente, às 18h47, como mostra a figura.

Figura 5- Interação do jornalista no grupo do WhatsApp



Fonte: WhatsApp do produtor da Patrulha da Cidade

Na entrevista, José Cláudio comentou essa nova “carga horária” de trabalho:

Mesmo quando eu estou em casa, quando não estou na Tv, fico antenado aos grupos policiais, recebendo as informações e pensando a melhor forma de exibi-las. Como a noite é quando acontecem mais ocorrências policiais, meu WhatsApp é 24 horas e até de madrugada eu recebo mensagens. Leio todas e se tiver alguma dúvida, já adianto a apuração pelo privado com alguma fonte, pra que no dia seguinte a gente já esteja com os dados verdadeiros e a notícia correta para exibir ao telespectador.

Através do aplicativo também ficou mais eficaz a comunicação entre a equipe do programa. “Nós temos um repórter a noite e eu, mesmo de casa, fora do expediente, mantenho contato com ele pelo WhatsApp. Se eu souber de algo, mando pra ele, se ele precisa de mais informações, me questiona. Isso ajuda muito”. Além disso, mesmo no horário da produção durante o dia, o aplicativo é utilizado com essa finalidade. Na

semana da pesquisa, acompanhamos várias conversações entre repórter, produtor e editor, para otimizar a produção da área policial.

O uso do WhatsApp é tão intenso na produção que questionamos ao produtor sobre como o noticiário é produzido nos dias em que o aplicativo está bloqueado, como já aconteceu por causa de determinações judiciais, e ele reforçou a importância do App nesse processo: “O trabalho é feito e o jornal vai pra o ar, mas a gente tem muito mais dificuldade. E além dessa dificuldade, eu acredito que quando não temos WhatsApp, perdemos conteúdo, porque não ficamos sabendo de tudo, e o jornal fica mais pobre”, pontuou.

Considerações finais

Nesse estudo, constatamos que a convergência midiática também afetou o jornalismo policial e provocou várias mudanças na produção da Patrulha da Cidade, nosso objeto de pesquisa. O aplicativo WhatsApp está presente em praticamente todas as etapas da construção do noticiário policial, desde o recebimento de informações das fontes até a comunicação com a equipe de reportagem enquanto a matéria é finalizada.

A ferramenta se tornou parte da produção a medida em que é utilizada durante todo o expediente e fora dele, e possibilitou aos jornalistas o acesso às ocorrências em tempo real, entrevistas com as fontes através de áudio e vídeos enviados pelo aplicativo e a utilização das fotos que também são enviadas através dele. Tudo isso otimizou o processo de produção e dá indícios de que o jornalismo policial está mais aberto ao trabalho da imprensa.

Nesse sentido, é importante destacar também que através do WhatsApp os próprios delegados e policiais passaram a divulgar as informações, trabalhando como profissionais da área de assessoria de comunicação. Eles enviam fotos e informações para os jornalistas e chegam até a divulgar horário e local de entrevistas coletivas pelo aplicativo como pudemos observar na Figura 2 desse trabalho. Essa nova forma dos órgãos de segurança lidarem com a comunicação também merece atenção e deve servir de objeto de estudo para novas pesquisas, já que implica diretamente na forma como o material é repassado para a imprensa e chega ao conhecimento da população.

Com essa pesquisa, concluímos ainda que o uso do aplicativo WhatsApp na produção jornalísticas também trouxe inúmeros desafios para os profissionais dos veículos de comunicação tradicionais. Um deles, como mencionou o editor da Patrulha da Cidade na entrevista, é que muitos jornalistas atuam na área desde quando não existia nem telefone. Então, buscar formas de conviver com essas novas mídias e extrair delas uma forma de melhorar a produção jornalística é um desafio constante e principalmente uma necessidade de estar sempre se aperfeiçoando.

Além disso, a dificuldade do furo jornalístico, diante de todas as informações disponíveis online, ocasionou uma nova provocação e a necessidade de buscar formas de conquistar audiência sem o tão conhecido “exclusivo”. Como o produtor da Patrulha abordou na entrevista, essa especialidade do jornalismo está investindo em reportagens mais humanizadas que tragam um diferencial para o público, retratando mais que as perguntas básicas do lead (O quê, quem, onde, quando, como e por que). Nesse sentido, as novas mídias também estão modificando a forma como os crimes são retratados, e essa discussão se torna ainda mais importante, pois pode representar uma porta para que o jornalismo policial fuja do sensacionalismo e aborde o assunto de forma mais abrangente, discutindo não só as ocorrências, mas tentando desvendar o que tem contribuído para o aumento da violência, por exemplo. Dessa forma, pesquisas que abordem essa reconfiguração, além de analisar as novas formas de fazer reportagens policiais, podem refletir sobre como o jornalismo tem a possibilidade de auxiliar na formação de uma consciência crítica das pessoas, fazendo com que elas discutam a causa, as consequências e desdobramentos do fato.

Como podemos notar, as mudanças com relação ao fazer jornalismo, em especial a área policial, diante das novas mídias, tem feito os jornalistas repensarem e recriarem o processo de produção. Nessa perspectiva, esse estudo, embora tenha trazido a tona constatações importantes sobre como um aplicativo de mensagens é capaz de dar celeridade a todo processo de apuração, checagem e divulgação da notícia, é apenas um ponto de partida para várias outras pesquisas sobre o tema, já que a reconfiguração é constante e muitas outras formas de utilização dessas novas mídias devem surgir.

Referências

BEZERRA, Allan; NASCIMENTO, Robéria. **O uso da mídia televisiva como extensão do templo religioso:** um estudo sobre o programa Lares de Paz. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVI, 2013, Manaus. Anais, 2013. Disponível em <http://goo.gl/zy28U5> Acesso em 10 nov. 2014

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed., Porto Alegre: Sulina, 2010.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Transformações no jornalismo em rede:** sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo- SBPJOR, IX, 2011, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em <http://goo.gl/KiGVwO> Acesso em 15 maio 2016.

_____; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em 25 jun. 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador.** Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/raquelrecueroolivrocasper.pdf>. Acesso 10 jun. 2016.

_____: **"Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do jornalismo na era das redes sociais.** In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo- SBPJOR, 2011, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://goo.gl/em4qtj> Acesso em 20 abril 2016.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel.** Salvador: EDUFBA, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – porque as notícias são como são. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005.